



"SE EU MORRER E TIVER QUE VOLTAR NO MUNDO OUTRA VEZ, EU QUERO SER A MESMA COISA, NEGRO!": A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA DA LAGOA DO JOÃO EM POÇÕES- BA

Isaac Dias Martins do Carmo*¹

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*isaacdmdc@gmail.com

Trabalhos completos – GT 01 – Etnicidade, Memória e Educação

RESUMO

Nesta pesquisa, foi investigado e analisado como o conceito de quilombo foi tratado na historiografia e como o termo quilombos e quilombolas não só desapareceu dos mecanismos de repressão e da literatura, mas também do imaginário destas comunidades. Para contribuir com a discussão, a comunidade quilombola da Lagoa do João, localizada em Poções-BA foi, o objeto empírico para compreender como o grupo resgata e aciona a partir da memória e ancestralidade na elaboração da identidade negra e quilombola. Para dar conta do proposto, foi adotada uma metodologia de cunho qualitativo, amparado pela História Oral utilizando-se de questionários de entrevistas a lideranças e anciãos da comunidade.

Palavras-chave: Quilombos; Comunidades remanescentes; Ancestralidade.

Introdução

O presente estudo propõe analisar a comunidade quilombola da Lagoa do João, localizada no município de Poções, Bahia, a fim de investigar como a identidade étnica vai se ressignificando a partir das necessidades, demandas e dificuldades impostas à comunidade e como a memória da escravidão, da migração e da busca pela terra são acionadas pelos atuais anciãos da comunidade na construção da identidade étnica.

Para dar conta do proposto, o conceito de quilombo a ser abordado foge da concepção colonial formalmente definido como: "toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele" (Almeida, 2012, p. 59). Visto que, a natureza e formas de organização dos quilombos (Gomes, 2015) os caracteriza pela diversidade, intensidade e frequência espacial e temporal. Segundo ele, a tipologia pode sugerir generalizações, determinar entre grandes, médias ou pequenas formas de organizações e estruturas sociais, sendo complicado tipificá-

las.

Diante disso, a definição das comunidades remanescentes de quilombos teve como base a etnicidade, Segundo a antropóloga Eliane Cantarino O'Dwyer (2002), a partir das visões de Fredrik Barth (1969 e 2000), Essa corrente teórica ofereceu alternativas aos dilemas conceituais e políticos normativos aos remanescentes. A partir das contribuições de Barth forjou-se um plano investigativo no qual as percepções dos próprios sujeitos acerca do que significa a categoria. O foco recai nos processos dos grupos étnicos e sobre a natureza das fronteiras que os mantêm e os fatores “socialmente relevantes” para os próprios atores, em contraposição às posturas que partiam da contabilização de conteúdos culturais como base para explicar sua remanesência.

Antropólogos e historiadores vêm refletindo sobre os problemas e limitações da categoria de remanescentes de quilombos, ressaltando a insuficiência conceitual, prática e política do termo. O'Dwyer (2002), Arruti (2008) e Almeida (2012) indagam se a categoria remanescente de quilombos seria capaz de comportar a experiência histórica de seguimentos negros no Brasil ou se era um conceito genérico.

A partir do trabalho de campo e amparados metodologicamente pela a História Oral como principal elemento metodológico, que possibilitou apreender como esses sujeitos vivem e interpretam a realidade, observamos que a comunidade quilombola da Lagoa do João tem dentre suas principais características no processo de construção identitário, que se estende há gerações, a ancestralidade.

A ancestralidade é o cimento das relações cotidianas do grupo, está presente nos hábitos, costumes, tradições e técnicas na agricultura. Mas também nas relações de solidariedade e reciprocidade, manifestadas a partir do ato de emprestar ferramentas utilizadas na agricultura, calçados, roupas para cerimônias de casamentos e batizados, e nos costumes de doar pequenas parcelas dos excedentes das suas roças de subsistência a fim de um fortalecimento dos laços simbólicos.



Retalhos da Memória: a formação do Quilombo da Lagoa do João

No emaranhado de memórias, sobrevive lembranças de mitos e histórias que vão se atualizando a cada bate papo. Segundo a tradição oral, o nome Lagoa do João originou-se há muito tempo, quando o território ainda era pouco habitado, depois da chegada de um homem chamado João, o qual buscava refúgio após ter fugido de um quilombo. Não há outras referências sobre a origem da comunidade, portanto, perguntas como “onde ficava este quilombo?” ainda permanecem sem respostas. O que se sabe é que o território era trânsito de pessoas que ligava o sertão às regiões da Zona da Mata baiana¹. A localidade era considerada como ponto de referência para negros que fugiam da seca do sertão e se deslocavam para a Zona da Mata em busca de meios de sobrevivência.

Dona Maura (68 anos), rezadeira e parteira da comunidade, ao rememorar as histórias do surgimento da comunidade, relata que:

esse povo veio refugiado, desse mundo aí, nós não sabemos explicar pra você, porque esse povo que veio parar aqui, tudo passou pelas bandas do Gavião, sofrendo, sofrendo [...] viemos fugido, nós não sabemos de que descendência é nós².

Evidencia-se que, na tradição oral, a Lagoa do João era o ponto de encontro de retirantes. Assim, quando se dividiam, para não se perderem dos parentes, utilizavam o local não só como referência de encontro, mas de novas formas de vida, de sobrevivência e trabalho. De acordo com o historiador José Pereira dos Santos (2004), há documentações que apontam que os escravizados estavam presentes na estrutura econômica da cidade de Poções desde o início do povoamento, no fim do século XVIII. Com a área territorial vasta e pouco povoada, é plausível que Poções tenha sido utilizada como refúgio para escravizados fugitivos das vilas situadas próximas às suas fronteiras, sendo a

¹ A Zona da Mata refere-se a zona de transição com resquícios de Mata Atlântica nas fronteiras com Iguai, Nova Canaã e Boa Nova do município de Poções.

² Maurides Araújo de Jesus. Entrevista concedida em 17 de setembro de 2019.

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território – CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



comunidade da Lagoa do João um dos possíveis refúgios para estes.

Os caminhos à Lagoa do João levaram o casal Pedro Casimiro e Vicência (casal fundador da comunidade) a se estabelecer na localidade. No ano de 2019, em uma das visitas à comunidade tentamos conversar com dona Julinda, matriarca então com 99 anos. Por conta da idade avançada e a saúde frágil, já não tinha em suas memórias lembranças do tempo dos seus avós e nem dos seus antepassados. De acordo com os relatos do senhor Laurentino Ferreira, 72 anos, um dos netos do casal fundador, nem mesmo dona Julinda conseguiu alcançar os tempos de Pedro Casimiro.

Os mais velhos da comunidade relatam que a escritura de aquisição das terras não existe mais. Os moradores, quando precisavam de alguma documentação referente às terras, tinham que fazer declarações. Talvez a documentação nunca tenha existido e tenha sido uma forma de Pedro Casimiro e Vicência garantirem a legitimidade das terras, principalmente se forem terras devolutas da união, as quais, historicamente, foram e ainda são objetos de tensões e disputas.

“Se eu morrer e tiver que voltar no mundo outra vez, eu quero ser a mesma coisa: Negro!”³

Como mencionado na seção anterior, a origem dos primeiros moradores do Quilombo da Lagoa do João somente pode ser conhecida por meio de algumas memórias dos anciãos da comunidade, as quais foram transmitidas por meio de histórias preservadas pela tradição oral, que atravessam gerações. Em conversa com o senhor Anelito Ferreira, este se emociona ao rememorar o passado de sofrimento da comunidade:

O meu pai contava mais história daqui, o meu pai me criou com um saco nas costas vendendo dia. Comendo um feijãozinho, quando acontecia, tinha um pedaço de toucinho dentro. E o mais era isso. Dormindo na cama de esteira de palha. Casinha coberta de palha levantada com taipas e enchimento. Eu encontrei aqui tempo muito doloroso, a vida é triste, né? Eu nasci em 1932. Eu quando tinha dez

³ Dedico este artigo ao sr. Laurentino (*in memoriam*), pelos laços de amizade, pelas conversas e confiança. Suas contribuições foram vitais para a execução deste trabalho e combustível para eu continuar “os corre”.

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território – CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



anos conheci a vida penosa, meu pai saindo pra mata caçar recurso pra nós comer, descalço, com saco nas costas que quando eu lembro daquilo eu choro [...] aqui era uma vida triste, criamos assim, naquela tristeza. Trabalhando muito e passando mal pra viver, mas a vantagem é que nós nunca ganhamos a fama de ladrão, trabalhou pra sustentar como homem e está até hoje. Hoje a coisa melhorou, mas aqui foi triste[...]se eu já tivesse nascido já num tempo que nem esse de agora vou te contar que se nada eu fosse, poderia ser até um advogado, porque eu tenho inteligência, mas no meu tempo foi muito atrasado. No tempo do meu pai, tinha escola, mas não deixava a gente estudar para não aprender putaria para escrever para as filhas dos outros, para não escrever bilhetes. Eu aprendi a leitura com os colegas escondido. quando os colegas vinham da escola, eu corria, eu mandei comprar um caderninho e um lápis, e lá eu tirava do livro dele, aquela notinha, e me dava. Assinar meu nome eu assino, mas eu não tive escola não⁴.

A memória relatada pelo morador da comunidade nos dá uma dimensão das dificuldades enfrentadas diariamente pela sobrevivência. Segundo Kanbengele Munanga (2020), em uma sociedade colonizada em que discursos recorrem a preconceitos e estereótipos e vive permanentemente em uma situação de violência, a desvalorização e a alienação do negro estendem-se a tudo aquilo que o toca: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte, etc. O colonizado é assim, remodelado a uma série de negações que somadas constituem um retrato-acusação, uma imagem mística.

Já o colonizador, por sua vez, legitima seu privilégio pelo trabalho, enquanto que justifica a nulidade do colonizado pelo ócio, gerando o mito do negro preguiçoso que não é real. Kanbengele Munanga (2020) afirma que, nesta estrutura racista, vários elementos legitimam a discriminação e reforçam os estereótipos presentes no medo do senhor Anelito e também da comunidade, em sofrer julgamentos tais como o de não poder confiar ao negro funções de responsabilidade, salários iguais ou postos de direção. De acordo com Munanga (2012, p. 12), a história do negro no Brasil é caracterizada pelas piores tentativas de desumanização e repressão cultural não apenas como objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas por ter sido simplesmente negada sua existência.

O Sr. Anelito relembra a frustração por não ter tido oportunidade de

⁴ Entrevistado por Rogério Sagui para o documentário *Memórias de um Quilombo Vivo*, em 2016.

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território – CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



frequentar a escola, consequência da falta de políticas públicas somadas com o racismo que diretamente trazem marcas na construção da sua identidade negra e quilombola. Ele relata que existias escolas, mas não poderia frequentar para “não aprender putaria e escrever para as filhas dos outros” são faces do racismo, dos estereótipos, discriminação e as desigualdades raciais.

A educação formal sempre foi um dos caminhos para a ascensão social, principalmente do povo negro. Mas, por parte do Estado, foram desprovidos de direitos civis e políticos e, mesmo após a abolição da escravatura, não há conquistas relevantes da inclusão do negro na sala de aula, pelo contrário, era vetado a presença de negros nas escolas, seja por dificuldades de arcar com os custos financeiros, ou pela discriminação racial, muitos pais não queriam que seus filhos brancos se misturassem com negros.

O lamento do Sr. Nelito não é só dele, é de todo um povo negro que por não ter o direito a educação formal foi abortado de doutores, advogados, engenheiros e educadores. A realidade enfrentada foi bem diferente.

Não sabiam fazer nada. Só trabalhavam na roça. Eram os chamados negros da lavoura. Não sabiam ler e escrever, em regra, e não possuíam protetores. Eles sofreram muito, pois ficaram largados a si próprios. Mal vestidos, analfabetos, sem proteção, ficaram vivendo aqui e ali de expedientes (Fernandes, 2008, p. 94).

O estereótipo do negro, pelo fato de ocupar funções mais desqualificadas no estrato social ou pela falta de empregos, passou a ser de “desordeiro”, “vagabundo” e uma ameaça a vida em sociedade. Os reflexos do racismo sofridos pelo o Sr. Anelito e justificados pelo mito da democracia racial impactam ainda hoje na autoestima e na forma de viver do povo negro.

O racismo dificulta o diálogo entre os diferentes grupos que compõem a sociedade, cria fronteiras simbólicas rígidas, estabelecendo o binarismo identitário, ou seja, uma identidade do que é ser negro contraposta ao que é ser branco, baseadas em estereótipos negativos para os primeiros e positivos para os últimos (Fernandes e Sousa, 2016).

A oposição a essa estrutura hegemônica de poder só é possível por meio da luta contra o racismo e as desigualdades raciais, assim como a afirmação da

identidade negra. Um dos pontos de partida é a tomada de consciência, “a autoafirmação e a construção de uma solidariedade entre as vítimas do próprio racismo, possibilitando uma reabilitação dos valores das civilizações destruídas e culturas negadas” (Munanga, 2012, p. 9).

Assim, entendemos que o Quilombo da Lagoa do João está inserido nesse movimento. Os sujeitos se reconhecem como negros, têm consciência da suas forças e entendem que somente por meio da solidariedade e reciprocidade o grupo terá forças para lutar.

Segundo Munanga, (2012), o fator histórico parece o mais importante, à medida que constitui o conhecimento cultural que une os elementos diversos de um povo por meio do sentimento de continuidade histórica vivido pelo conjunto de sua coletividade.

O senhor Laurentino, ao lembrar das dificuldades que já passou para conseguir sustentar sua família, afirma sua identidade negra dizendo:

[...] uma vez eu tirei uma quinzena comendo farinha com pimenta, aquelas farinhas grossas. A gente pegava a farinha e comia aquilo lá, porque não tinha o dinheiro. Rapaz essa carne negra é muito forte, é por isso que eu agradeço a Deus essa qualidade que eu tenho, porque somos fortes de natureza. Tem muita gente que não quer ser negro não, mas eu sou um negro, negro mesmo, legítimo e honro a minha qualidade. Se eu morrer e tiver que voltar no mundo outra vez, eu quero ser a mesma coisa que eu sou, não pobre porque pobre não tem valor, mas negro, eu quero voltar a mesma coisa que eu sou. Nunca passei desaforo no mundo, porque se eu passasse, eu retribui a ele⁵.

Tanto a identidade pessoal quanto a identidade do grupo são formadas em diálogo aberto. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito também à construção da identidade negra. A identidade negra, segundo Gomes (2002), é como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Para o senhor Laurentino, a identidade negra é construída a partir da sua dificuldade e da memória de outros corpos negros que também experimentaram as mesmas condições de vida ou até piores. Quando ele se refere a sua qualidade de negro

⁵ Entrevista cedida em Janeiro/2020.

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território – CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



e ao dizer “somos fortes por natureza”, está elaborando sua identidade, associando passado e presente numa dinâmica particular e universal do que significa ser negro, bem como também trazendo à tona um referencial de resistência e de luta, memórias que são apresentadas no presente como marcas da sua história.

Quando o negro assume sua identidade negra, está abandonando todo um ideário do branqueamento cultivado há mais de um século, contrariando a ideologia de democracia racial. Esta identidade é forjada pela resistência, seja de memórias herdadas dos ancestrais, acontecimentos, personagens, lugares e o sentimento de pertencer à determinada coletividade.

Já o senhor Manuel Ferreira, 74 anos, reiseiro na comunidade associa a identidade negra à identidade quilombola da seguinte forma:

Não sei, eu estou pela conversa dos outros. Mas, eu acho que os quilombola, era os negão de antigamente, os escravos que tinha antigamente. Eu acho que é por aí. Hoje, eu tô feliz por um detalhe, antigamente a pessoa da minha qualidade era quase como escravo. Hoje, pião tem de considerar, tem que respeitar pelo jeito de hoje. Antonse eu tô feliz pelos quilombola por isso aí hoje. Antigamente o povo falava “olha os negro isso, aquilo outro”, desfazendo. Hoje, porque se eles desfazer de mim ou de outro e chamar pro certo, eles estão lenhados. Que nem assim, as vezes a gente pergunta, “oh Manel tu sabe o que é o negócio do Quilombola?” Eu falo, “eu não sei, mas num ponto, pra mim, eu sinto que é bom” [...] Sinto porque o que eu entendo é que pelo menos fiquei reconhecido como um dos quilombolas, sabe? E pra mim é bom. Eu chego num canto, “é o reiseiro dos quilombolas? Ei!” mesmo que não vale nada, né? ?.

Apesar da palavra quilombola ser recente na comunidade da Lagoa do João e ser de origem exterior à essa, o senhor Manuel Ferreira associa as suas características aos negros do passado e afirma sua identidade negra e quilombola, mesmo não tendo conhecimento do significado do termo. Nota-se que ele reconhece e afirma que ser quilombola é ter em mãos mais uma ferramenta de luta.

A construção da identidade negra passa por várias estratégias historicamente engendradas pela sociedade brasileira, a partir do século XIX.

Apesar da abolição da escravidão em 1888, não houve um projeto de inserção do negro na sociedade como cidadão livre. Segundo Chagas (2009), para a população negra restou-lhe a exclusão e a árdua e difícil tarefa de livrar-se da imagem negativa construída pela sociedade brasileira ao longo do período da escravização. Para superar esse imaginário, a população negra passou a reinventar o conceito de negro(a) e assumir-se como esse, o que não foi fácil, sobretudo porque no imaginário coletivo, a imagem recorrente era a de que ser negro (a) ainda estava associada à inferioridade e à incapacidade intelectual.

Considerações finais

Em suma, durante esses cinco anos na comunidade, novas luzes surgiram e outras se apagaram, transformando-se em memórias que moldam o sujeito que sou e me obrigam a pensar em formas de amarrar as discussões apresentadas. O Sr. Laurentino se antecipou e encerrou seu ciclo de passagem por aquelas terras sertanejas. Ao partir, deixou inúmeras perguntas, gerando lacunas intensas que provavelmente não serão preenchidas. Ainda assim, os relatos e as memórias aqui presentes continuarão a ser transmitidos, ressignificados e repassados.

Novos “velhos” ocuparam o posto de referência na comunidade, histórias e mitos serão rememoradas, tradições e costumes não ficarão congelados ao longo do tempo. A história caminhará, e as crenças, princípios e valores que são resguardadas culturalmente seguirão seu processo natural, construindo e (re)construindo suas identidades cotidianamente.

Participar das festas de reis e da padroeira da comunidade, das reuniões de associação e eventos ligados ao Dia da Consciência Negra, me possibilitou observar alguns aspectos presentes no cotidiano, como os hábitos, costumes, tradições, a relação com a natureza, os modos de vida e, principalmente, como a identidade negra e quilombola são elaboradas e (re)elaboradas.

A identidade negra é construída a partir de suas marcas da dor e sofrimento, tanto nas memórias de seus ancestrais como no cotidiano, nas faltas de oportunidades, acessos e privações do estigma que rondam uma comunidade negra. Já a identidade quilombola, é acionada diante de necessidades,

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território – CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



demandas e dificuldades impostas à comunidade. Eles se afirmam enquanto quilombolas acionando o que lhes assemelham e colocam de lado suas diferenças para criar estratégias de enfrentamento.

Para os quilombolas da Lagoa do João, a identidade negra e a identidade quilombola não são apenas ferramentas para identificar seu pertencimento ao grupo, mas o principal instrumento na luta contra o racismo, o isolamento do Estado e avanço de políticas neoliberais que não dão acesso à educação, saúde, estradas e outros aspectos relevantes para a suas existências. Nas conversas, foi visível a consciência de que as desigualdades não são naturais e sim fruto de uma sociedade fundada em princípios racistas. Afirmar-se negro diante das dificuldades, preconceitos e discriminações, é a forma mais genuína de resistência.

Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Breno de. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2012.

ARRUTI, José Mauricio. **Quilombos**. In: PINHO, Osmundo A.; SANSONE, Lívio (org.). *Raça: novas perspectivas antropológicas*. Salvador: ABA/EDUFBA, 2008.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **A identidade negra e quilombola entre os moradores (as) de Mituaçu**: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: (o legado da raça branca), volume 1. São Paulo: Globo, 2008

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **Identidade Negra entre exclusão e liberdade**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. n. 63 • abr. 2016 (p. 103-120).

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: Uma história do Campesinato Negro no Brasil**. 1ª ed.- São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. Minas Gerais, Altria: UFMG, 2002

MEMÓRIAS de um Quilombo Vivo. Direção: Rogério Sagui. 2017. <https://vimeo.com/349687252>

MUNANGA, Kabengele. **Negritude e identidade negra ou afrodescendente**: um racismo ao avesso? Revista da ABPN. v. 4, n. 8. jul.–out. 2012, p. 06-14

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4ª. Ed. 2.reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

O'DWVER, Eliane Cantarino. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 296 p.

SANTOS, José Pereira. **Escravidão e Liberdade: Alforrias na Vila dos Poções (Bahia, Século XIX)**. In: MEMÓRIA CONQUISTENSE: Museu regional. 7/8. ed. Edições UESB, 2003. p. 153-172.